

## TECNOLOGIA DE PRODUÇÃO DE SEMENTES DE OSTRAS NATIVAS, *Crossostrea spp.*, NO ESTUÁRIO DO RIO SÃO FRANCISCO-SE

José Carlos Bezerra Jr; Roque Tosta Fraga; Augusto César Coelho Dias da Silva.

A ostreicultura no mundo tem as sementes como um dos principais insumos. Santa Catarina concentra a maior produção nacional cultivando a ostra do pacífico, *C. gigas*, utilizando sementes selecionadas de laboratórios, com custo alto e produção limitada, tornando o crescimento da atividade dependente da adoção de técnicas, como assentamento remoto entre outras. A região de Cananéia/SP se destaca como produtora de ostras nativas, com parte da produção oriunda de cultivos com utilização de técnicas de manejo dos bancos naturais, exigindo maiores cuidados com o ambiente. Objetivando desenvolver técnicas que harmonizem pontos favoráveis dos modelos de produção a CONATURA, Cooperativa Mista de trabalhadores Conservadores da Natureza. Realiza pesquisas aplicadas, desde 1998, na região estuarina do rio São Francisco, em Sergipe, com a ostra nativa *Crossostrea spp.*

Os estudos foram iniciados com o mapeamento de estações de coleta, com características ambientais distintas, monitoradas quanto a parâmetros relacionadas ao processo de fixação, sob a influência das condições ambientais de cada estação. A captação das sementes é realizada através de coletores artificiais. O coletor “pet” idealizado pela CONATURA, é confeccionado com garrafas descartáveis, com área média de fixação de 1.200 cm<sup>2</sup>, proporcionando fácil retirada das sementes e contínua reutilização. São instalados perpendiculares à superfície, em grupos de 50 coletores por cabo de 3m, em sistemas fixos. Entre 25 e 60 dias após a instalação, os coletores apresentam grande parte das sementes com tamanhos médios acima de 10 mm, quando são retiradas para diminuir perdas no processo. As taxas de fixação variam entre 0,04 e 0,67 sementes/cm<sup>2</sup>, considerando apenas as viáveis para cultivo. Com picos de fixação nos períodos chuvosos entre junho e agosto, a coleta no estuário se torna inviável apenas nos meses de estiagem, janeiro a março. São lavadas e selecionadas por peneiras de tela plástica com malhas de 05, 10, 20, e 30 mm, obtendo classes de tamanhos distintos (menor que 5; 10-20; 20-30 e maior que 30mm) que são acondicionadas em caixas plásticas perfuradas, submersa por períodos de 30 dias, garantindo sementes mais resistentes e facilidades no processo de seleção por espécie. Após a padronização cada classe de tamanho é contada, por método volumétrico e aclimatadas à salinidade de destino. As sementes são utilizadas nas unidades comunitárias de engorda ou comercializadas, sendo utilizadas para o transporte caixas de isopor com camadas alternadas de espuma úmida e sementes. Recentes pesquisas indicam evidências genéticas da existência de duas espécies do gênero *Crassostrea* na costa do Brasil, habitando nichos relativamente distintos no estuário e possuindo características bioecológicas peculiares que refletem no seu potencial de cultivo. Os resultados dos monitoramentos na região do São Francisco sugerem que os locais de coleta variem em função da migração das larvas no momento da fixação, resultando em sementes com melhor potencial de crescimento. O processo a que são submetidas permite selecionar grande parte dessas sementes, resultando num produto final de ótima qualidade e baixo custo. Atualmente, são produzidas cerca de 2.500,000 sementes por ano, envolvendo diretamente 12 famílias carentes da região. As

sementes são enviadas a diversos estados da costa brasileira, do Pará a Santa Catarina, para cultivos particulares, instituições de pesquisa e principalmente, para implementação de cultivos em associações comunitárias assistidas.